

GEÍSA GAIGER DE OLIVEIRA
GUSTAVO JAVIER ZANI NÚÑEZ
ORGANIZADORES

Des
ign
pes. em
qui
sa. vol 3

GEÍSA GAIGER DE OLIVEIRA
GUSTAVO JAVIER ZANI NÚÑEZ
ORGANIZADORES

Des
ign
em
pes.
qui
sa. vol 3

Este livro é uma das publicações do Instituto de Inovação, Competitividade e Design (IICD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (www.ufrgs.br/iicd).

© dos autores – 2020

Projeto gráfico: Melissa Pozatti

D457 Design em pesquisa: volume 3 [recurso eletrônico] / organizadores Geísa Gaiger de Oliveira [e] Gustavo Javier Zani Núñez. – Porto Alegre: Marcavisual, 2020.

789 p. ; digital

ISBN 978-65-990001-1-9

Este livro é uma publicação do Instituto de Inovação, Competitividade e Design (IICD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (www.ufrgs.br/iicd)

1. Design. 2. Gestão do Design. 3. Design contra a criminalidade. 4. Gestão de Projetos. 5. Inovação. 6. Tecnologia. 7. Sustentabilidade. 8. Desenvolvimento humano. I. Oliveira, Geísa Gaiger. II. Núñez, Gustavo Javier Zani.

CDU 658.512.2

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)



Capítulo 21

Leitura distribuída: design de um livro para ser lido a dois

Thaís Cristina Martino Sehn, Jose Luis Farinatti Aymone e Stan Ruecker

RESUMO

Este capítulo apresenta o percurso percorrido para o desenvolvimento do novo modelo editorial “Leitura Distribuída”. O diferencial desta edição é que o seu design editorial foi projetado para ser lido por duas pessoas juntas, incluindo a leitura em voz alta e a colorização de desenhos relacionados ao texto. O conteúdo do livro é distribuído de forma alternada em dois volumes que se complementam, ora sendo direcionado para o leitor e ora para o ouvinte. Através da junção da leitura e da pintura das ilustrações, acredita-se propiciar aos leitores um momento de interação e relaxamento para que os dois se aproximem e troquem experiências pessoais através do conteúdo da narrativa. Para se chegar a essa proposta, o processo investigativo se inseriu na perspectiva do Design Positivo, buscando encontrar possibilidades de design que tornassem os usuários mais satisfeitos com algum aspecto de suas vidas. Neste caso, optou-se por focar no fortalecimento do vínculo afetivo, aliado à literatura de ficção. No início do processo, os autores-designers estavam abertos a diferentes tipos de produto ou serviço que auxiliassem nesse objetivo. Através da revisão bibliográfica e do resultado dos experimentos, optou-se por se afastar das possibilidades digitais e desenvolver um livro que apresentasse o conteúdo de um modo que envolvesse tanto o leitor como o ouvinte. Neste capítulo é apresentada, de forma resumida, a história da leitura em voz alta com foco no lazer, os experimentos realizados e as escolhas editoriais para o desenvolvimento do protótipo, com o texto *O Alienista*, de Machado de Assis.

Palavras-chaves: design editorial, leitura em voz alta, leitura compartilhada, leitura distribuída, machado de assis.

1 INTRODUÇÃO

Vive-se em uma sociedade na qual cada vez mais a tecnologia se faz presente; o celular tornou-se item indispensável para a maior

parte da população, através do qual é possível trabalhar, conversar, relaxar e, principalmente, manter-se conectado. Sherry Turkle (2011) evidencia como cada vez as pessoas estão sozinhas mesmo estando juntas, pois apesar de estarem dividindo fisicamente o mesmo espaço, cada um se conecta ao seu universo digital particular. Para a autora, a ansiedade e a frustração que advém das relações digitais estão associadas ao fato de que dificilmente as pessoas se dedicam inteiramente umas para os outras. Independente do contexto, seja ele de trabalho ou de lazer. Assim, checar e-mails ou notificações das redes sociais tornou-se parte do cotidiano, ficando a atenção sempre dividida entre aquelas que estão fisicamente presentes e aquelas que podem estar online naquele momento. Para a autora, os envolvidos justificam suas interações online por estas serem consideradas mais práticas, já que não teriam tempo de estar fisicamente com essas pessoas. Dessa forma, acabam investindo mais na tecnologia do que na relação presencial. Frente a esse cenário observado por Turkle (2011), este trabalho intencionalmente se propõe a “remar contra à maré”, ao oferecer uma atividade mediada pela leitura, onde duas pessoas precisam se dedicar exclusivamente uma à outra, sem interferências digitais.

A origem deste estudo nasceu a partir da observação de pais lendo livros infantis para seus filhos ainda não-alfabetizados, pois percebeu-se que aquele momento de leitura criava uma barreira invisível entre eles e o resto do mundo. Enquanto a criança prestava atenção nos desenhos e na fala do adulto, este se preocupava apenas com a recepção do infante, cuidando a entonação e explicando as palavras difíceis. O livro infantil para a criança é mais do que uma história: é um objeto de mediação. Através dele naturalmente a interação acontece, permeado pelo conteúdo do livro que são relacionados com a própria vida do leitor e do pequeno ouvinte. Naquele momento, o celular não é lembrado, as pessoas à volta não ousam interromper e até a última página, eles pertencem apenas um ao outro. A qualidade afetiva da interação é o principal motivador que leva as crianças de 5 a 6 anos a se interessarem pelos livros (SONNENSCHNEIN; MUNSTERMAN, 2002), mas não é apenas a criança que desfruta desse momento; o adulto leitor também, independentemente de seu hábito de leitura,

consegue perceber o alto nível de qualidade afetiva que é fruto daquele momento (PEIXOTO; LEAL, 2008).

Com base nessa percepção, buscou-se desenvolver um projeto de design de experiência que replicasse nessa conexão oferecida pelos livros infantis, mas entre adultos e, agora, não mais por uma necessidade de auxílio na decodificação do código escrito, mas sim, por uma vontade de desenvolver esse vínculo afetivo em um momento de total atenção ao outro. Esta pesquisa alia-se à abordagem do Design Positivo, na qual o objetivo do projeto é encontrar possibilidades de design a partir de uma investigação de como oferecer um produto ou serviço que possa deixar o usuário mais satisfeito com algum aspecto da sua vida (DESMET, POHLMAYER, 2013; DESMET, HASSENZAHL, 2012). Neste caso, foca-se no aspecto dos laços afetivos, proporcionando uma interação entre duas pessoas mediada pela leitura em voz alta. Quando esta investigação foi iniciada, não se tinha consciência de qual seria o produto/serviço a ser desenvolvido para melhorar essa experiência, mas, a partir de uma série de experimentos, se chegou ao modelo editorial *Leitura Distribuída*. O diferencial desta edição é que foi criada para ser lida por duas pessoas adultas juntas, incluindo a leitura em voz alta e a colorização de desenhos relacionados ao texto. O conteúdo do livro é distribuído de forma alternada em dois volumes que se complementam, ora direcionado para o leitor e ora para o ouvinte, trabalhando a leitura e a pintura das ilustrações, propiciando um momento de interação para que os dois participantes se aproximem e troquem experiências pessoais através do conteúdo da narrativa.

O Design Positivo se apoia na literatura de Psicologia Positiva, no intuito de criar projetos com foco na felicidade, bem-estar e florescimento humano (DESMET et al., 2013). Os projetos que se inserem nessa linha devem respeitar três pilares: virtude, emoções positivas e significado pessoal. A virtude está ligada à moral e ao se fazer o que é considerado bom pela sociedade; as emoções positivas estão associadas a gratificações momentâneas e o significado pessoal relaciona-se com realizações pessoais a médio e longo prazo (DESMET, POHLMAYER, 2013). O modelo desenvolvido respeita os três pilares, já que uma das formas de trabalhar

a virtude é através da absorção de conhecimento com a leitura (SELIGMAN, 2010); o significado pessoal é despertado através do engajamento na atividade e no fortalecimento do laço entre os companheiros de leitura; e as emoções positivas são evocadas a cada encontro através da interação com o texto, com o companheiro e com as ilustrações.

O objetivo deste artigo é mostrar resumidamente o percurso percorrido através da pesquisa para se chegar ao projeto de design de um livro para ser lido a dois. Este caminho começa com uma revisão bibliográfica sobre a leitura em voz alta entre adultos com foco no lazer, passando para uma breve apresentação dos experimentos desenvolvidos, chegando-se, então ao modelo da Leitura Distribuída, para, por fim, destacar as principais características deste modelo, bem como, sua avaliação por diferentes usuários.

2 A LEITURA EM VOZ ALTA COMO ATIVIDADE DE LAZER

A leitura compartilhada oralmente é tão antiga quanto à escrita. Até o século xv, a leitura em voz alta era um dos principais objetivos do texto escrito, já que era muito comum se efetivarem leituras públicas em espaços abertos ou fechados (CHARTIER, 1997; MANGUEL, 1997; MCDOWELL, 2014). Muitas vezes havia a necessidade de se ler em voz alta para melhor compreensão do texto, já que a utilização do espaço entre as palavras para melhorar a compreensão de seu conteúdo, foi implementada muito tempo depois, na Alta Idade Média (CHARTIER, 1997). Até esse período, era pouco usual separar as palavras com um espaço maior do o existente entre as letras das próprias palavras, logo era mais fácil identificar cada palavra através da leitura em voz alta, *ouvindosua própriavozparasaberonde fazerapausasedaras ênfases de forma correta*¹.

A escrita, em sua essência, é uma representação visual da oralidade (CHARTIER, 1997). A própria pontuação foi modificando sua função ao longo da história de acordo com a mudança de hábito da leitura oral para a silenciosa (MEDINA-SÁNCHEZ, RODRÍGUEZ-ÁLVAREZ, 2015). Na Idade Média, a leitura em voz alta era uma prática comum e os escritos da época, por sua vez, eram produzidos com

¹ Ouvindo sua própria voz para saber onde fazer as pausas e dar as ênfases de forma correta.

esse objetivo de execução. O texto exigia determinadas entonações e pausas para transmitir as ideias do autor, o que acarretava à pontuação um caráter elocutivo, próprio da função retórica (MEDINA-SÁNCHEZ, RODRÍGUEZ-ALVAREZ, 2010, 2015). Ainda nos manuais do século XVII, são explicadas as formas corretas do orador respirar e modular a voz de acordo com a pontuação da mensagem lida. A vírgula, por exemplo, indicava uma pequena pausa sem perder a cadência da voz (WILLIAMS, 2017, grifo nosso). A partir do surgimento do hábito da leitura silenciosa, a pontuação começa a adquirir outras funções, com um apelo gramatical, ganhando a conotação de dividir um período em orações (MEDINA-SÁNCHEZ, RODRÍGUEZ-ALVAREZ, 2015; SCHOU, 2007).

A leitura oral também era utilizada como trilha sonora para atividades manuais e domésticas. Enquanto uma pessoa, ou um grupo de pessoas, ficava responsável por costurar, cuidar do jardim ou executar algum tipo de trabalho manual, como artesanato, outra pessoa lia em voz alta para todos ouvirem (WILLIAMS, 2017). A leitura como companhia de outras atividades era vista como algo virtuoso na classe média e baixa nobreza, pois além de combater o ócio, sempre era possível aprender alguma coisa com o livro (WILLIAMS, 2017, p.45). Essa mesma combinação de atividades (leitura e trabalhos manuais) também foi observada nos conventos Beneditinos entre os séculos VIII e XIV, e nas fábricas de cigarro artesanais e charuto, especialmente em Cuba e nos Estados Unidos (MANGUEL, 1997; MARTIN, 1993), reverberando também na Espanha, México, Porto Rico e República Dominicana (TINAJERO, 2010). A leitura nessas fábricas era muito bem organizada e de grande valia para os operários, fomentando a cultura e a educação, tendo, inclusive, ocasionado greves, sequestros e assassinatos.

A primeira leitura em voz alta que constou na história das fábricas de charuto, aconteceu em Havana, em 1865. Essa atividade modificou o cenário das cidades que sediavam a produção de charutos. Primeiramente, a leitura unia as pessoas e as aproximava, pois “mesmo sendo uma audiência diversa”, composta por homens, mulheres e imigrantes de diferentes países, “a leitura os aproximava como parte de uma mesma comunidade de ouvintes” (TI-

NAJERO, 2010, p. 20, tradução nossa²). Além disso, vale destacar o incentivo à educação que esta prática indiretamente provocou. Em Cuba, por exemplo, em 1865, dos 1,4 milhões de habitantes, 70% dos brancos e 95% dos não-brancos eram analfabetos; já na virada do século, no setor tabaqueiro 90% dos trabalhadores sabiam ler e escrever. Os operários das fábricas faziam parte do grupo mais culto da cidade. Além de transformar o hábito dos trabalhadores, muitas escolas foram abertas para atender aos homens e mulheres que ali trabalhavam e as bibliotecas passaram a ficar abertas até mais tarde para poderem ser utilizadas após o expediente fabril. Entre 1921 e 1926, o rádio foi introduzido aos poucos nas fábricas de charuto e, assim, parcialmente, este foi substituindo o *lector*. Contudo, ainda hoje, existem algumas que sediam *lectores*, alternando o horário de leitura com o do rádio (TINAJERO, 2010).

A experiência de ler em voz alta, hoje em dia, dificilmente é associada a adultos. Desde o século XIX o leitor adulto lê apenas com a movimentação dos olhos e não necessita da articulação vocal (CHARTIER, 1997; CERTEAU, 1998). Com essa mudança de hábito, perdeu-se uma forma de ver o livro como um meio para sociabilidade compartilhada, o que era muito comum entre os séculos XVI e XVIII (CHARTIER, 1997; MCDOWELL, 2014). Dentro desse universo oral, Chartier (1997) destaca a dupla função da leitura em voz alta, sendo uma delas ler para quem não sabe/conssegue decifrar o código da escrita e, a outra, que parece desaparecida no cenário contemporâneo, buscar seu aspecto social na intimidade familiar, como mediadora da convivência mundana e erudita.

Essa socialização que é trazida pelo compartilhamento em voz alta do texto, é diferente da leitura silenciosa feita em espaço público, pois mesmo que exista um compartilhamento de ambiente, a leitura é privada, “como se o leitor traçasse, em torno de sua relação com o livro, um círculo invisível que o isola” (CHARTIER, 1999); também é diferente do ato de ouvir um *audiobook*, pois mesmo se evidenciando neste a questão oralidade, a interação entre os atores – leitor e ouvinte – é perdida.

² Citação original: “Even though the audience was diverse, reading brought them together as part of the same community of listeners.”

Martin (1993) escreveu sobre o experimento realizado com seu esposo, no qual eles liam livros um para o outro. Através dessa prática, o companheiro da autora, que havia lido apenas um volume até então, passou a ser um leitor ávido, compartilhando com ela essa atividade, ora exercendo o papel de leitor, ora de ouvinte. Além do fator afetivo agregado, tal qual foi observado na leitura infantil (PEIXOTO, LEAL, 2008; SONNENSCHNEIN, MUNSTERMAN, 2002), Martin (1993) também percebeu que ambos melhoraram seus desempenhos como leitores ao longo do tempo, aprimorando suas habilidades de leitura e apreensão da história através da audição, assim como aumentaram seus vocabulários através dessa prática, que, até a publicação do artigo, percorreu um período de três anos. Esse aprimoramento da técnica de leitura ainda foi percebido nos adultos leitores que participaram do estudo de Neuman (1996).

A partir da revisão bibliográfica, onde se pôde constatar que o livro já foi mediador de encontros pessoais e serviu de trilha sonora para tarefas manuais, julgou-se necessário observar leitores em contextos contemporâneos de leitura compartilhada em grupos e duplas. Para isso, foram realizados os experimentos descritos a seguir. Os experimentos foram previamente aprovados pelo comitê de ética da University of Illinois at Urbana-Champaign (IRB 19619) e Plataforma Brasil (CAAE 25464919.8.0000.5347).

3 REDESCOBRINDO A LEITURA EM VOZ ALTA (EXPERIMENTOS)

3.1 Experimento de Leitura em pares

O primeiro experimento foi realizado com três duplas de pessoas que já tinham uma relação sólida de amizade e companheirismo. Foi entregue para cada dupla um livro de contos para que fosse lido pelos dois parceiros ao mesmo tempo em voz alta, sendo que um deveria ler e o outro ouvir. O formato de como se daria essa atividade foi deixado a critério de cada dupla, que a realizaria do modo que achasse melhor. Como resultado, os participantes definiram a obra como um objeto de posse coletiva dos dois leitores e o tornaram um símbolo de um ritual particular de leitura criado por eles. Todos os participantes gostaram da experiência e optaram por ler em casa, num cômodo onde se sentiam mais

confortáveis. Duas das duplas elogiaram a interação entre eles, que surgiu junto com a atividade, enfatizando que os comentários que faziam durante a percepção do texto e as conversas que tinham a partir disso, enriquecia a experiência da leitura. Foi comentado que, por vezes, o ouvinte sentia sono, mas não atribuíram essa sensação ao ato de ler/ouvir e, sim, a condições que seriam “extratextuais”, como: calor, posicionamento para realizar a tarefa (às vezes deitados) ou cansaço do dia. Uma das duplas relatou dificuldade na concentração tanto para ler como para ouvir.

3.2 Experimento de leitura em grupo

O segundo experimento foi realizado em sala de aula com os colegas da disciplina que a pesquisadora estava cursando no período-sanduíche, em Illinois (EUA). O grupo era composto por cinco pessoas, sendo três americanos, um canadense e um persa, todos da área de Design e com pós-graduação. Foi lido um trecho de um capítulo de uma literatura escolhida pela pesquisadora. Três pessoas se sentiram à vontade para ler em voz alta, alternando-se o leitor voluntariamente. Enquanto ouviam, um dos alunos desenhava, outro mexia no celular, um terceiro mostrava para outra participante as fotos do cenário do livro que eram de lugares próximos à sua cidade natal, e o último fechava os olhos para se concentrar nas palavras ouvidas.

Após a atividade, os participantes expuseram o fato de sentirem inibidos de fazer comentários durante a leitura ou mesmo de ir ao banheiro, por sentirem que poderiam interferir na experiência de ouvir dos colegas. Após a leitura em sala de aula, marcou-se outro evento extraclasse, na casa da fazenda de uma das colegas. Foram convidadas outras pessoas para se agregarem ao grupo, em um total de dez, entre americanos, brasileiros, canadenses e colombianos. Para este segundo encontro, cada pessoa deveria levar uma história curta ou o trecho de um livro a seu critério para ler ao redor da fogueira. Após cada leitura, naturalmente surgia uma pausa para falarem sobre o texto lido. Algumas vezes eram feitos comentários em outras, os ouvintes se mantinham em silêncio, absorvendo o conteúdo e definindo quem seria o próximo a ler.

Comparando os dois momentos de realização desta experiência,

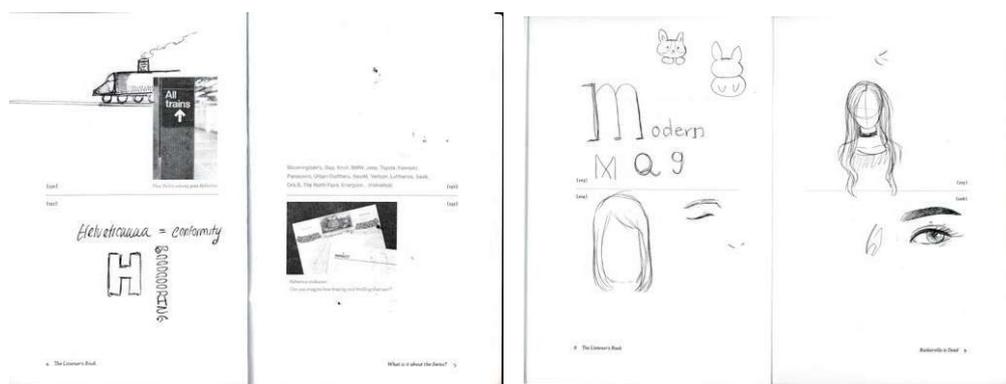
percebeu-se que o fato de ser, esta segunda, realizada em um ambiente extraclasse, com fogueira, *marshmallows* e bebidas quentes, tornou a atividade mais agradável e descontraída. O texto que cada um trouxe, com início, meio e fim determinado, propiciou uma troca natural de leitores, fato que ocorria ao término de cada texto. Além disso, foi comentado como ponto positivo a possibilidade da escolha individual do texto a ser apresentado ao grupo, tornando a experiência mais pessoal, além de propiciar a todos o conhecer novos autores.

3.3 Experimento com o protótipo *The listener book*, marginália expandida

O terceiro estudo foi realizado com uma turma de graduação da Universidade de Illinois (EUA) e foi dividida em 3 grupos de 4 a 7 pessoas, onde cada participante recebeu um protótipo do *Listener book* (livro do ouvinte) (Figura 1). Este protótipo foi desenvolvido em colaboração com a designer Natalie F. Smith. O *Listener book* era como se fosse uma expansão da marginália das páginas do livro *do autor* e consistia em páginas em branco numeradas de acordo com o livro que seria lido em voz alta. Durante a leitura, quando o leitor trocava de página, o ouvinte deveria fazer o mesmo, mantendo uma relação direta com as páginas do livro. Cada grupo recebeu uma versão diferente do *Listener Book* e todas as versões possuíam a indicação dos capítulos que seriam lidos no experimento. O grupo A e B tinham um exemplar impresso do livro original que era lido um pouco por cada aluno e o grupo C realizou o experimento com a versão em audiolivro. O *Listener book* do grupo A tinha as mesmas ilustrações do livro lido; o do grupo B tinha apenas as páginas numeradas e os títulos dos capítulos indicados; já o grupo C, como estava ouvindo o audiolivro ao invés do livro impresso, recebeu apenas a indicação dos capítulos, acompanhados de 3 páginas em branco. Deste estudo se pôde perceber que as páginas em branco geravam desconforto nos alunos, que demonstravam não saber o que desenhar ou escrever nelas. Muitos desenhos feitos por eles não tinham relação direta com o texto e alguns anotavam palavras-chaves escutadas. A pessoa, ao término de sua leitura passava o livro espontaneamente para o próximo leitor. Nas três equipes não houve conver-

sas ou comentários sobre o texto ou desenhos realizados. Todavia, no caso dos grupos em que a leitura foi feita ao vivo (A e B), houve uma sensação de interação entre eles, já que todos leram uma parte. Tal sensação não se repetiu no grupo C, com o audiolivro, posto que para eles o *Listener book* poderia ter sido utilizado sozinho, sem a necessidade de estarem em conjunto.

Figura 1 - Páginas internas do *Listener Book* com intervenções de dois participantes.



3.4 Experimento de leitura entre desconhecidos

Este experimento foi realizado com duas pessoas que não se conheciam, mas tinham interesse em participar deste trabalho que incluiu ler uma para outra e pintar enquanto ouvia (Figura 2). Cada uma dessas colaboradoras escolheu um texto para ser lido em conjunto e providenciou duas cópias do mesmo. As intervenções foram feitas nas próprias páginas do livro. Após três sessões notou-se que era melhor estipular uma dupla de páginas para ser lida por um deles e, logo após, alternar o leitor, criando, dessa maneira, um ritmo de leitura e de intervenções no livro. Observou-se que realizar o desenho/pintura de forma mais abstrata tornou-se mais relaxante do que o figurativo. Em vários momentos houve interrupções para comentários e conversas de cunho pessoal, gerando uma aproximação entre esses indivíduos que não se conheciam previamente. A experiência foi realizada no estúdio de uma das participantes, espaço que os deixava à vontade e acabou sendo associado a uma emoção de relaxamento, a qual era constante nos encontros.

Figura 2 - Sessão de leitura e resultado da intervenção ao lado.



3.5 Considerações sobre os experimentos

A partir dessa trajetória, chegou-se aos seguintes atributos para a construção do protótipo:

- *Manter a atividade simples e sem aparatos tecnológicos.* Isso pode ajudar a manter as pessoas focadas na atividade, evitando, também, dispersão de atenção com possíveis notificações do celular.
- *Oferecer uma atividade para ser realizada apenas por duas pessoas.* As leituras realizadas em duplas ofereceram um ambiente mais intimista para o desenvolvimento da atividade, o que permite que a pessoa fique mais à vontade para fazer comentários ou perguntas sobre o texto ou, mesmo, de cunho pessoal.
- *Proporcionar uma atividade na qual as duas pessoas possam exercitar a leitura e a escuta.*
- *Criar um ritmo de leitura para a dupla.* Percebeu-se que quando a pessoa podia optar por quantas páginas leria, se esforçava para fazê-lo sempre no maior tempo possível, abrangendo a maior quantidade de texto, resultando que somente quando se sentia cansada, passava o livro para a outra ler. Ao ser determinado um número específico de páginas para cada participante, é possível manter seu nível de atenção mais alto. Também foi observado que é melhor assegurar um número pequeno de páginas para ser lido por cada um, preferencialmente entre duas e seis.
- *Atentar para pausas lógicas dentro da narrativa, sem in-*

terromper uma ação/frase/parágrafo que está em desenvolvimento, para efetivar a troca de leitor. A pessoa que está ouvindo pode imergir na história e ficar concentrada no desenho/pintura que está desenvolvendo. Desse modo, esta pode demorar para perceber que é a sua vez de ler e, por conseguinte, levar mais tempo para “entrar no espírito” da narrativa, prejudicando a experiência de ambos.

- *Evitar que o ouvinte acompanhe o texto com os olhos.* A ausência do texto para aquele que está ouvindo é uma forma de induzi-lo a realmente absorver através da audição o que o outro está lendo. Ao oferecer o texto como apoio para o ouvinte, ele poderia se concentrar na sua leitura e não na fala do parceiro.
- *Oferecer estímulos visuais que conectem o ouvinte ao texto.* Ouvir uma história pode envolver momentos de distração, por isso é interessante ter estímulos visuais que chamem a atenção do ouvinte e o levem de volta à história, como ilustrações da narrativa, destaques de trechos interessantes ou até pequenas informações adicionais que poderiam auxiliar na interpretação da história. Vale ressaltar que as informações textuais que podem ser inseridas na parte do ouvinte devem ser utilizadas com cautela, para não concorrer com o texto principal que está sendo lido pela outra pessoa.
- *Oferecer ilustrações interessantes para serem coloridas ou completadas pelo ouvinte.* Historicamente, a atividade manual se mostrou uma boa opção para ser desenvolvida por quem está ouvindo. Oferecer ilustrações para serem coloridas ou sofrerem intervenções é uma solução que mantém o participante no mesmo suporte do livro, o papel. Além disso, partir de um desenho pronto ou semipronto se mostrou mais relaxante e prazeroso do que criar um desenho em uma página em branco. Vale lembrar que essa atividade é planejada para ser desenvolvida (ou pelo menos iniciada) durante o tempo em que a outra pessoa estiver lendo, sendo que este é relativamente curto, uma vez que transcorre durante a leitura de 2 a 6 páginas de texto. Todavia, os desenhos devem manter um certo nível de complexidade tendo

em vista que o público-alvo é adulto e não infantil.

- *Atentar para os diferentes tipos de ouvinte.* É interessante oferecer diferentes possibilidades de atividade para o ouvinte, já que existem pessoas que preferem tomar notas enquanto escutam e outras que irão se satisfazer desenhando ou colorindo a página. Por isso se sugere que nas páginas reservadas ao ouvinte as áreas sejam divididas em espaços em brancos, ilustrações e frases do capítulo que está sendo lido.

4 PROTÓTIPO FINAL: LEITURA DISTRIBUÍDA

Com base nas considerações obtidas pelos experimentos anteriores foi desenvolvido o modelo editorial *Leitura Distribuída*, no qual a história do livro é dividida em dois volumes. Um deles inicia com um capítulo escrito e o seguinte apenas ilustrado e, no outro a situação se inverte, contendo inicialmente o capítulo ilustrado e depois o escrito, desse modo, os dois livros se complementam, invertendo aquele que contém o texto e a ilustração a cada capítulo, até o término da história. Em outras palavras, pode-se dizer que o volume A contém os capítulos 1, 3, 5, 7, 9, 11 e 13, enquanto o volume B, contém os de nº 2, 4, 6 e 8, 10 e 12. Cada um destes é destinado a uma das pessoas que formam a dupla de leitura. Assim, o próprio objeto dita o ritmo de leitura, indicando o momento do leitor e o do ouvinte executar o revezamento.

4.1 O Design Editorial de O Alienista: para ser lido a dois

Para o desenvolvimento do protótipo, conforme a instrução de Carvalho (2010), consultou-se uma especialista da área literária para a seleção do livro. A bibliotecária com mestrado em Comunicação e Informação Zizil Arledi indicou quatro livros que estariam em domínio público e que poderiam ser trabalhados com o público-alvo selecionado, adultos e idosos. Optou-se pelo livro *O alienista*, de Machado de Assis, por ser um volume pequeno, tendo em torno de 70 páginas na versão disponibilizada no Projeto Gutenberg, com a maior parte dos capítulos com poucas páginas (de 2 a 6). Esse fator veio a facilitar a divisão de conteúdo entre os volumes, sendo possível separar um capítulo inteiro para ser lido por cada integrante da dupla. A história fala de um médico

alienista que funda um hospício numa pequena cidade do Rio de Janeiro e passa a identificar sinais de loucura em todos os moradores da cidade.

O projeto gráfico foi realizado pela autora deste artigo que também é designer, seguindo as boas práticas de design para leitura já institucionalizadas por autores como Lupton (2006) e Bringhurst (2005). Para a escolha da tipografia optou-se por uma tipografia com serifa, que parecia ser a mais adequada para um livro publicado originalmente em 1882. A fonte Georgia foi utilizada para o texto pois, apesar de ter sido desenvolvida em 1996 para a leitura na tela (LUPTON, 2006, p. 55), possui a altura-x grande e espaçamento generoso, o que é recomendado para projetos que incluem a terceira idade como público leitor (FARIAS, 2018). Além disso, optou-se por utilizar a fonte tamanho 13pt com a entrelinha de 19pt para melhorar a legibilidade. Para as aberturas de capítulo, capitulares e título do livro optou-se pela fonte Larson em caixa alta, disponibilizada por Neurontype, por ser mais ornamental e rebuscada. Para os títulos dos capítulos com texto deu-se preferência pela Georgia em itálico, contrapondo com a primeira linha do parágrafo formatada em caixa-alta; já para os capítulos ilustrados deu-se preferência à Georgia em caixa-alta. Para os trechos destacados nas páginas do ouvinte, elegeu-se a tipografia manuscrita Winter Calligraphy, disponibilizada por Misti's Fonts, para enfatizar as possibilidades de intervenções nas páginas pelos participantes. Essas frases destacadas nas páginas dos ouvintes foram organizadas na página em uma composição ótica espontânea (SAMARA, 2007, p. 125), interagindo com a imagem quando possível e sobre uma linha-base curva. Na Figura 3 é possível ver um exemplo dessa explanação no detalhe da abertura do capítulo IV nos dois volumes.

O formato fechado do livro é 19,5 x 24 cm. Preferiu-se fazer uso de margens pequenas para acomodar um maior número de caracteres em cada página, já que foi utilizado um tamanho grande para o corpo do texto e não se pretendia confeccionar um livro com muitas páginas para não dificultar a abertura das páginas centrais nas interações com o desenho.

Figura 3 – Detalhe da página de abertura do capítulo IV no Volume A e B

CAPÍTULO IV

UMA TEORIA NOVA



CAPÍTULO IV

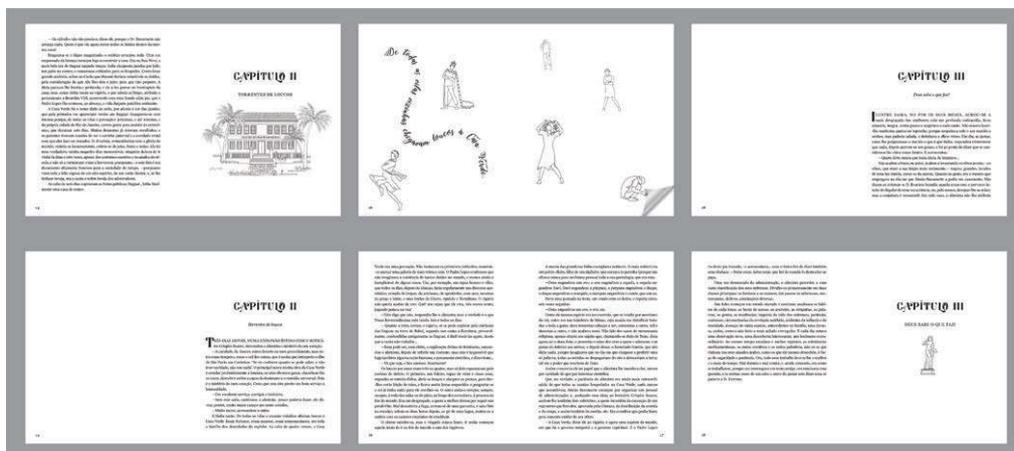
Uma teoria nova

AO PASSO QUE D. EVARISTA, EM LÁGRIMAS, VINHA buscando o Rio de Janeiro, Simão Bacamarte estudava por todos os lados uma certa ideia arrojada e nova, própria a alargar as bases da psicologia. Todo o tempo que lhe sobrava dos cuidados da Casa Verde era pouco para andar na rua, ou de casa em casa, conversando as gentes, sobre trinta mil assuntos, e virgulando as falas de um olhar que metia medo aos mais heroicos.

Um dia de manhã,—eram passadas três semanas,—estando Crispim Soares ocupado em temperar um medicamento, vieram dizer-lhe que o alienista o mandava chamar.

Logo, a margem superior ficou com 1 cm; a interna, 2 cm; e a inferior e a externa, 1,5 cm. Considerou-se o tamanho das margens externas adequadas para posicionar os polegares confortavelmente durante a leitura sem esconder o texto. A margem interna de 2 cm foi definida em função do acabamento em brochura com cola que seria feito na encadernação. Os espelhos das páginas do capítulo II são visíveis na Figura 4.

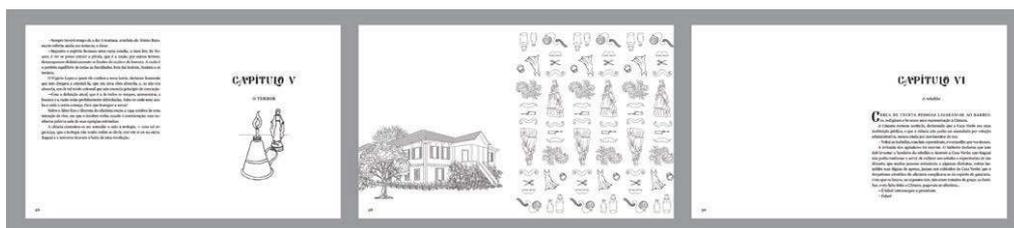
Figura 4 – Espelho do capítulo II no Volume A (acima) e B (abaixo)



Para respeitar a dinâmica de leitura e as trocas de leitor em pausas lógicas, foi organizado um capítulo para ser lido por cada um. Neste caso do livro do Alienista, a maior parte dos capítulos levava em consideração o tamanho observado como ideal (de 2 a 6 páginas); no, entanto houve um único capítulo que não seguiu esse padrão que foi o “V”, que na edição final ficou com 11 páginas. No momento de projetar o livro, refletiu-se sobre a necessidade de dividi-lo em duas partes, mas se julgou melhor manter a unidade na organização da edição, que previa um capítulo para

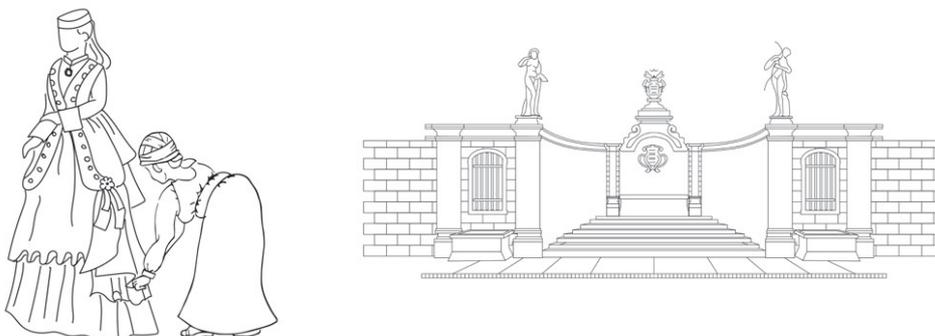
cada usuário, para não confundir o leitor que estaria conhecendo a proposta pela primeira vez. No livro do ouvinte decidiu-se inserir desenhos com maior complexidade nas páginas referentes a esse capítulo (Figura 5). Se o livro tivesse um maior número de capítulos extensos, poderia ser melhor dividi-los em duas ou três partes, respeitando a narrativa para evitar que seja quebrada em momentos inapropriados.

Figura 5 – Páginas do capítulo V para o ouvinte



As ilustrações foram definidas com base no conteúdo de cada capítulo e, parte delas, foi encomendada à ilustradora Lívia Lenz Fonseca (Figura 6) e, a outra parte foi selecionada a partir do banco de imagens FreePik. Todos os desenhos traziam elementos detalhados, assemelhando-se a estética usual observada nos livros para colorir para adultos (LIMA, 2015). Também se resolveu não desenhar o rosto de nenhum personagem. Buscou-se trazer ilustrações mais simples para capítulos menores e mais detalhadas para capítulos maiores.

Figura 6 - Ilustrações encomendadas de Lívia Lenz Fonseca



No sumário dos dois volumes foi evidenciada a divisão dos conteúdos em cada livro, mantendo-se à esquerda os títulos que seriam lidos naquele exemplar e à direita os que seriam ouvidos (Figura 7).

Figura 7 – Sumário do Volume A e B

VOLUME A		VOLUME B	
<i>Para ler</i>	<i>Para ouvir</i>	<i>Para ler</i>	<i>Para ouvir</i>
I. De como Itaguaí ganhou uma Casa de Orates 11		I. DE COMO ITAGUAÍ GANHOU UMA CASA DE ORATES 11	
	II. TORRENTES DE LOUCOS 15	II. Torrentes de loucos 15	
III. Deus sabe o que faz! 19		III. DEUS SABE O QUE FAZ! 19	
	IV. UMA TEORIA NOVA 23	IV. Uma teoria nova 23	
V. O terror 27			V. O TERROR 27
	VI. A REBELIÃO 39	VI. A rebelião 31	
VII. O inesperado 43			VII. O INESPERADO 37
	VIII. AS ANGÚSTIAS DO BOTICÁRIO 47	VIII. As angústias do Boticário 41	
IX. Dois lindos casos 49		IX. DOIS LINDOS CASOS 43	
	X. A RESTAURAÇÃO 53	X. A restauração 45	
XI. O assombro de Itaguaí 57		XI. O ASSOMBRO DE ITAGUAÍ 51	
	XII. O FINAL DO § 4º. 59	XII. O final do § 4º. 53	
XIII. Plus ultra! 63			XIII. PLUS ULTRA! 59

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O design de um produto está diretamente ligado ao seu processo produtivo. Ao assumir a perspectiva do Design Positivo, utilizando como base os três pilares a serem evocados pelo usuário, significado de vida, emoções positivas e virtude, ingressou-se em uma investigação aberta às possibilidades. O início deste projeto estava rodeado por incertezas, percebia-se que a leitura em voz alta tinha potencial para aproximar pessoas e transformar a experiência de leitura, mas não se sabia como o design poderia interferir na atividade que parecia estar solucionada com o simples ato de escolher um livro e lê-lo para outra pessoa. Ao olhar para trás, percebe-se como cada experimento foi importante e contribuiu para o projeto do modelo editorial Leitura Distribuída.

A revisão bibliográfica mostrou que a atividade muitas vezes era utilizada para acompanhar trabalhos manuais, inclusive modificando o contexto sociocultural de uma comunidade, como o caso das fábricas de charuto.

O primeiro experimento, leitura em pares, foi crucial para perceber que a atividade se mantém atual na sociedade contemporânea, modificando a relação do leitor com o livro – que passa a pertencer a duas pessoas. Além disso, nesse experimento se observou que o projeto poderia ser direcionado para atender o ouvinte da leitura.

O segundo experimento, de leitura em grupo, demonstrou que seria mais interessante focar em duplas ao invés de grupos, posto que assim sendo gera-se uma maior intimidade entre os participantes que ficam mais à vontade para interagir entre eles a partir do texto. Além disso detectou-se diferentes comportamentos dos ouvintes, como desenhar, escrever e visualizar imagens complementares.

O terceiro experimento, *The listener book*, foi o primeiro teste de um protótipo focado nos ouvintes. A partir de sua aplicação notou-se que as páginas totalmente em branco não surtiam o efeito esperado, devendo ser modificadas em um próximo projeto. Já que os participantes aproveitavam melhor as páginas que já tinham alguma ilustração, era necessário dividir o espaço do livro para atender as duas demandas de usuários: aqueles que gostavam de interferir nos desenhos e aqueles que preferiam tomar notas enquanto ouviam.

O quarto experimento focalizou a leitura entre desconhecidos e foi muito importante para a idealização de um objeto que contivesse as duas ações, o ler e o ouvir, assim como despertou a preocupação em se definir um ritmo para o texto e proporcionar organizadamente a troca de leitores.

A proposta do Design positivo de investigar e observar o usuário e suas experiências, sem focar num produto específico, resultou em um trabalho inovador com uma proposta de modelo editorial focada para leituras em duplas. Enxerga-se na Leitura Distribuída uma potencialidade para fomentar interações, inspirar conversas, nutrir uma periodicidade de encontros (considerando que o livro não seria lido em apenas uma sessão de leitura) e manter o usuário engajado e dentro da história enquanto escuta o outro ler.

Para estudos futuros se pretende validar o protótipo com adultos, observando as interações que surgem entre as duplas, mediadas pela utilização deste. Para essa observação, busca-se formar diferentes tipos de duplas, por exemplo, pessoas que já tenham um vínculo afetivo estabelecido e desconhecidos que irão se conhecer através das leituras do livro. Além desses grupos, intenta-se observar o uso da Leitura Distribuída com a terceira idade residente de Instituições de Longa Permanência para Idosos, visan-

do a possibilidade de aproximar os moradores que lá convivem. Apesar de não ter sido o foco da pesquisa, também seria interessante observar a utilização deste modelo editorial na educação, principalmente com adolescentes que ainda não desenvolveram o hábito da leitura, pois poderia ser uma forma de introduzir os livros em suas vidas de uma forma mais dinâmica.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do RS (Fapergs) e à Comissão da Fulbright.

REFERÊNCIAS

- BRINGHURST, Robert. **Elementos do Estilo Tipográfico**. 3ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- CARVALHO, Geyse Maria Almeida Costa de. A leitura como tratamento: diversas aplicações da biblioterapia. In: **Revista Amazônica**, Ano 3, Vol IV, Número 1, pág.80-87, Humaitá: UFAM, 2010.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Ephraim Ferreira Alves (Trad.). 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 1998
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros**. Lisboa: Vega, 1997.
- DESMET P., HASSENZAHN M. (2012) Towards Happiness: Possibility-Driven Design. In: Zacarias M., de Oliveira J.V. (eds) **Human-Computer Interaction**: The Agency Perspective. Studies in Computational Intelligence, vol 396. Springer, Berlin, Heidelberg https://doi.org/10.1007/978-3-642-25691-2_1
- DESMET, P. M. A.; POHLMAYER, A. E.. **Positive design**: An introduction to design for subjective well-being. International Journal of Design, 7(3), 5-19. 2013
- FARIAS, Bruno S. Percepção na terceira idade: pesquisa experimental sobre tipografia para idosos. In: **Design e Tecnologia**, 8(16), 29-40. 2018. <https://doi.org/10.23972/det2018iss16pp29-40>
- LIMA, Patrícia. Sucesso dos livros de colorir para adultos revela que pintar é tendência na busca por relaxamento. In: **Revista Donna - Gaúcha ZH**. 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2015/04/sucesso-dos-livros-de-colorir-para-adultos-revela-que-pintar-e-tendencia-na-busca-por-relaxamento-cjplet68s00u5mncn27i89vj6.html>. Acesso em: 2 abr. 2020
- LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.
- MARTIN, Patricia. Capture Silk: Reading Aloud Together. In: **The English Journal**, V. 82, N. 8, Dez, 1993, p. 16-24. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/819581> Acesso em: 04 set. 2017
- MCDOWELL, Stacey. Reading Together. In: **Essays in Criticism** Vol. 64 No. 4, 2014. doi: 10.1093/escri/cgu022
- MEDINA-SÁNCHEZ, Beatriz; RODRÍGUEZ-ÁLVAREZ, Alicia. Estudio comparativo de los

primeros tratados de puntuación en lengua inglesa (1672-1704): terminología y función de la puntuación. In: **Onomázein**, v. 31, jun de 2015, p 99 - 112 DOI: 10.7764/onomazein.31.7

NEUMAN, Susan. Children Engaging in Storybook Reading: The Influence of Access to Print Resources, Opportunity, and Parental Interaction. In: **Early Childhood Research Quarterly**, 11, pp. 495-513, 1996.

PEIXOTO, Carla; LEAL, Teresa . Caracterização dos comportamentos interactivos mãe-criança em situação de leitura conjunta. In: **Actas do 7.º Encontro Nacional (5.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração**. 2008. Braga: Universidade do Minho. Disponível em < http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_caracterizacao_dos_comportamentos_interactivos_b.pdf> Acesso em nov 2017.

SAMARA, Timothy. **Grid**: construção e desconstrução. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SCHOU, Karsten. The Syntactic Status of English Punctuation. In: **English Studies**, v. 88, n. 2, p. 195- 216. 2007

SELIGMAN, Martin E. P.. **Felicidade autêntica**: Usando a Nova Psicologia Positiva para a realização permanente. Tradução de Neuza Capelo. 2010. [eBook Kindle]

SONNENSCHNEIN, S., MUNSTERMAN, K.. The influence of home-based reading interactions on 5-year-olds' reading motivations and early literacy development . In: **Early Childhood Research Quarterly**, vol 17. pp 318-337. 2002.

Tinajero, Araceli. **El Lector**: A History Of The Cigar Factory Reader. Austin : University Of Texas Press, 2010. Print.

TURKLE, Sherry. **Alone together**: Why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.

WILLIAMS A. **The social life of books**: reading together in the eighteenth-century home. Yale University Press: New Haven and London. 2017. pp: 351

Como citar este capítulo (ABNT):

SEHN, T. C. M., AYMONE, J. L. F., RUECKER, S. Leitura distribuída: design de um livro para ser lido a dois. In: OLIVEIRA, G. G. de; NÚÑEZ, G. J. Z. **Design em Pesquisa - Volume 3**. Porto Alegre: Marcavisual, 2020. cap. 21, p. 389-408. *E-book*. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/iicd/publicacoes/livros>. Acesso em: 15 ago. 2020 (exemplo).

Como citar este capítulo (Chicago):

Sehn, Thaís Cristina Martino, Jose Luis Farinatti Aymone e Stan Ruecker. 2020. "Leitura distribuída: design de um livro para ser lido a dois." In *Design Em Pesquisa - Volume 3*, edited by Geísa Gaiger de Oliveira and Gustavo Javier Zani Núñez, 389-408. Porto Alegre: Marcavisual. <https://www.ufrgs.br/iicd/publicacoes/livros>.